

Taubaté, 27,9,1905

Rangel:

Duas folhas de papel xadrez, cheios dessa coisa fantastica a que muito humoristicamente chamas “minha letra”, jazem penduradas do ganchinho de parede rubricado pela papeleta “Cartas a Responder”, e no ganchinho correspondente do meu encefalo está pendurada uma preguiça de quatro folhas. Estou de lombeira hoje\_ coisas que eu sei. Decifro os teus horrendos gatafunhos. Eles me dizem\_ ó desgraçado Mr. Lewisham mineiro!\_ que és todo a noivinha e te preparas para no altar de Venus transformar a noivinha em mulher. Vais renunciar ao Demonio e Suas Pompas em troca de uns tantos dias de carnal novidade e quarenta anos de bocejo a dois, cueiros amoniacaes, diarreias verdes, choradeiras, taponas... Renunciar ao Demonio, quando o Demonio é a unica delicia reconciliadora do homem com o Mundo. Renunciar ás suas pombas, isto é, a Paris, ás voluptuosidades egoistas da Carne e do Dinheiro, dos vicios amaves, dos lindos pecados que a Santa Madre Igreja condena com o fim secreto de requintar-lhes. Renunciar ás aventuras perigosas. Renunciar ao Ideal que é ter uma gorda conta no Banco e nenhuma consciencia nas tripas. Renunciar aos amigos vivedores e descuidados, a um automovel com que atropelamos seis pedestres por ano, a duas eguas inglesas como as dos romances do Eça, a uma biblioteca estofada no conforto inglês, com poltronas de couro macio, nas quais, refocilados, amavelmente possamos filosofar sobre a miseria humana, com um havana entre os dedos e um gato persa no colo. E conciliar as tres aventuras amorosas que estamos conduzindo, como o cocheiro russo concilia os tres cavalos duma troika. E passar a noite na roleta, perdendo com a dignidade dos nobres ingleses. E ter uma obra d’arte em andamento e sem fim, que nos justifique aos nossos proprios olhos. Renunciar a tudo isso, ó Mr. Lewisham de Moura Rangel, para te fazeres galo duma galinha que te dá um ovo por ano e demonstra todos os dias que todos aqueles encantos de noiva não passavam de miragem do deserto...

Porque é aqui que está o Erro. A noiva é uma. Não tem fisiologia. E a mulher emergente da noiva tem-na terrivel. O que atrai numa é a secreta e misteriosa virgindade, um seio que apenas transparece no boleado do casaquinho\_ e mais tarde degenera em ubere. O que atrai são os aromas capitosos da sugestão, o olhar cheio de promessas embriagadoras, é o coquetismo que o noivo não percebe que é coquetismo já do tempo de Eva e julga ser natureza. A noiva é o vinho; a esposa é o *vin aigre*. É a mesma criatura, mas sem os misterios, sem as eletrificacoes, sem o *odor di femina*, sem os encantos do olhar\_ com tudo transformado em ranço e cinzas. As ultras maravilhosas qualidades da noivinha cessam de existir porque são armadilhas que a Natureza arma para pegar o tico-tico\_ e

pegado o tico-tico, para que mais armadilhas? Agarrado o macho, que importa á mulher a conservação daqueles encantos? Em vez deles, em vez dessas miragens, ela dá ao esposo realidades: filhos, seios pendurados, ventre bambeado, talhe achamboado, sensualidade de amortecida. E o bestalhão assombra-se... pois foi então aquela criatura que o embeveceu de amor? Que o fez casar aos vinte anos? Que o fez deixar-se arrear e montar?

Que tombo o marido cai... Vê de noite a mulher de camisola e touca\_ quele ser que ele só via enleado em gases e cassas afeiçãoadas pela moda de Paris. E aquela mesma que corava de lhe mostrar o tornozelo, ele a vê abrir certo movel, tirar certo vaso e sentar-se em cima com certo ruído. E de manhã quando acorda ao lado da diva, sente a realidade do *odor di femina*. E nota que aquele halito que antigamente rescendia a rosas da Persia, cheira agora a estomago azedo. E lembra-se dum soneto que escreveu “Á que me espera...” em que lhe cantava o “halito de Iracema”\_ agora um cheirinho de dente cariado.

E isso na melhor das hipoteses, porque ha o caso da noiva, que era “inconsutil”, fechadinha, sem órgãos lá dentro afora o coração, dar numa mulher cheia de uteros doentes que metem o medico em casa, e mais uma porção de órgãos exquisitos que o homem não tem, com flores que não são de roseiras, e “feniosa”, das que dão com o prato na cara do marido e passam a detesta-lo, e vivem eternamente ventrudas e a encher o mundo de fedelhos. E ha as que trazem de dote a sogra e a irmã tia, e mais uma velha tia que é manca; e que lê os folhetins do *Jornal do Brasil* e chora nos “lances”, etc., etc., etc.

Dirás, com alegre entono, que não é esse o teu caso, que Ela é uma criatura “diferente”, como jamais houve no mundo outra; e ao dizeres isso, com o ar de quem diz a mais absoluta novidade, estarás repetindo plagiariamente o que cem por cento dos noivos disseram desde o Jacó da Biblia até o Mr. Lewisham de Wells.

Ha duas classes de homens na sociedade moderna: o que sabiamente faz como o Braz Cubas do Machado e não prolonga a miseria humana, e o que casa para que se perpetue no planeta a infinda procissão de bipedes que vêm do *Inde*? E vão como carneiros para o misterioso *Unde*? Escolheste o caminho da proliferação. Tua alma, tua palma. Mas depois não venhas chorar no meu colo.

E adeus. Vou mandar tua carta para o gancho das “Respondidas”.

LOBATO